

Histórias de astronomia e astrónomos amadores (parte 5)

Coordenação e ilustrações de Guilherme de Almeida
g.almeida@vizzavi.pt

Continuam-se, nesta quinta parte, as histórias de astronomia e astrónomos amadores, contadas por quem as viveu e sentiu. Estes episódios, insólitos e inesperados, parecem à primeira vista difíceis de acreditar, ou saídos de um filme, mas são mesmo *reais*. Agradeço mais uma vez, aos *respectivos autores*, o envio destas histórias tão interessantes. As quatro partes anteriores da mesma série foram publicadas na revista *Astronomia de Amadores*, nos números 12, 13, 14 e 15 (respectivamente).

1. Danças com Raposas

Numa das nossas incursões à Serra da Estrela, em Novembro de 2007, aconteceu o episódio insólito que passo a descrever. Fomos observar para Chão de Éguas junto às Penhas Douradas, e como sempre levámos o nosso farnel para apoio à longa noite. A mesa fica posta, para que todos possam ir-se restaurando conforme as vontades. A dada altura ouvimos sons vindos da mesa, que associámos a uma ligeira brisa que se sentia na altura. Um pouco depois, uma restolhada mais intensa vinda da mesma direcção pôs-nos de sobreaviso. Vimos então o saco do pão a andar pela noite dentro! Estávamos a ser assaltados!



Dirigimo-nos à mesa e constatámos que além do pão já tinha desaparecido o queijo, o presunto e os bolos!!! Restavam o chouriço, a fruta e as cervejas. Pegámos na mesa e colocámo-la junto a nós, e continuámos a observar. Novo ruído na mesa. Apontámos a lanterna, e uma raposa descarada em cima da mesa tratava calmamente do chouriço! E tudo ali, a um metro de nós! Depois disto, a raposa circulou entre nós sem mostrar o mínimo medo, tendo inclusivamente vindo comer à mão! Soubemos mais tarde que um grupo de trabalhadores tinha por ali estado numa empreitada e tinha habituado esta raposa a vir comer à mão. Felizmente que não a ensinaram a abrir garrafas de cerveja!

José Ribeiro, Lisboa, jmscrib@gmail.com .

2. Um susto com muita adrenalina

Vou algumas vezes observar para a Atalaia, a sul de Lisboa. Aos sábados costuma haver sempre alguém a observar lá. Há uns dois anos, a meteorologia assegurou-me que a noite seria de céu limpo. Mesmo assim pode acontecer que, devido a dúvidas meteorológicas, ninguém lá apareça; e assim aconteceu!...Fiquei portanto sozinho na Atalaia, mas nem isso nem a falta de uma lanterna me impediram de montar o telescópio para observar.

Estava eu a finalizar o alinhamento polar, quando comecei a ouvir uns ruídos a que dei pouca importância. Eu olhava, olhava, e não via nada. Os barulhos começaram a parecer-se com movimentos suspeitos da vegetação e os meus olhos continuavam sem identificar vivalma. Seguidamente o tom subiu para uns suspiros ocasionais animais e algo pesado a pisar a areia, vindos da cerca que rodeia o recinto. Mas pareciam estar mais próximos do que a cerca: estavam *dentro* da cerca, onde eu também estava! Nesta altura, a minha adrenalina já me tinha ordenado que desmontasse o equipamento, assustado e com pressa! Mal passei o "ponto sem retorno" na desmontagem do telescópio, identifiquei finalmente o ruído equestre ajudado por um forte "aroma" cavalares que se fez sentir...

Naquele momento, ainda com algo pesado na mão (talvez um contrapeso), senti-me enganado pela escuridão, ao imaginar algum inimigo invisível com mais de quatro patas e uma cabeça. Nunca cheguei a ver o bicho mas, antes do meu nariz o ter conseguido identificar, já pensava em touros, felinos e mais animais perigosos, inimigos de astrónomos!

Filipe Dias, Lisboa, filipe.marques.dias@gmail.com .

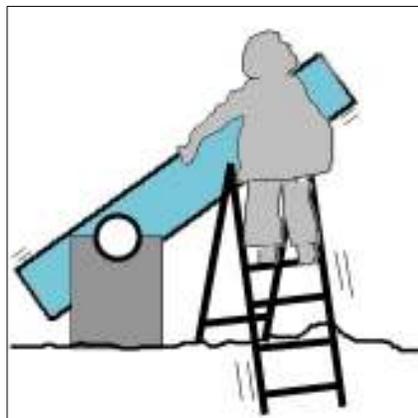
3. Observador atacado por telescópio de Dobson furioso, em noite de "First Light"

Ontem fiz a minha "First light" com o meu novo *Truss Dobson* de 12" que comprei ao Raimundo. Estava vento, alguma turbulência, o que é raro na zona da Beloura (calculo que foi por o dia ter estado abruptamente quente).

Começo a transportar o "bicho" lá para fora. De imediato fui atacado furiosamente (não pelo o Raimundo...mas pelo telescópio) com um movimento brusco e imprevisto do focador, enquanto o estava a encaixar na base. Este dá-me uma "naifada" traçoira no rosto ao ponto de ter de voltar a casa para estancar o sangue.

Cinco minutos mais tarde lá consegui montar o bicho no jardim do condomínio. Desliguei as luzes dos candeeiros cá fora e abri a minha mesinha de campismo, com o *Asus eee* pc portátil de 10" (que dura horas e horas) e o *Stellarium* em ecrã vermelho. Banquinho de baterista e uma barra de 240 g de chocolate Cadbury e estava pronto. Meia horita a arrefecer o espelho e a adaptar a visão, lanterna vermelha na mão, toca de experimentar os filtros OIII e Baader Moon & Skyglow na única ocular de 2" polegadas. A Sirius Plossl de 1.25" também estava ali à mão.

Decidi fazer um par de observações a uma estrela dupla (Mizar) e a Saturno, claro. Só para testar o telescópio. Bom, depois disto...pus em acção o meu novo sistema *Gota: Intelliscopes*. Comecei por duas estrelas de referência (Denébola e Polaris, a 60º uma da outra, no mínimo): duas tentativas falhadas. Serei eu que sou verde demais? Será o "Stop Knob" que não está exactamente montado na vertical (faz apenas na montagem do Dob - depois até o podemos ter montado na rampa da Falperra) De volta ao manual. Eureka!!! Entrada de informação inicial no menu: devia ter carregado num botãozinho!!! Grande telescópio este *Truss Dobson* 12 polegadas.



Paulo Mesquita, Beloura/Sintra, cybermices@hotmail.com .

4. Acrobacias instrumentais arriscadas

Andava eu ainda sozinho a fazer o observatório (CROW) e a dar manutenção quando tive de retirar o setup que estava em cima da GM8 (19 kg mais coisa menos coisa). Lá usei o banco da *Makro* de dois ou três degraus para subir, abrir o parafuso e retirar o material. Ora com isto tudo, quando é que se dá o queijejo?

O banco, que ficara mal aberto, dá um estalo quando estou a puxar o material fora com as embraiagens abertas (eram 2 da manhã e aquilo não tem vivalma acordada a uns 20 km)...

Foge-me o pé, quando dou conta bato com o outro pé no chão, o material vem direito à minha cara e levo com a DUP mesmo no lábio superior com o material todo em cima... Para os que quiserem acreditar, com aqueles cabos todos agarrados à montagem, sem ponto de apoio, a minha preocupação foi o material não cair ao chão (assim como assim já tinha levado com tudo na cara mesmo, por isso)...

Moral da história, torno a subir o banco (abri-lo de novo com os pés foi uma obra e peras) com uma dor nas costas do cacete (ainda dóia mais que o lábio) com o material em braços sem poder deixar descair por causa dos cabos nas câmaras, robofocus, roda de filtros etc... Meto tudo aquilo em cima da montagem e torno a apertar tudo no sítio, com uma mão a segurar o material e outra a apertar a DUP no sitio. Só cortei o lábio por dentro, com o dente... a DUP ficou boa sem um arranhão!

Aquilo aprecia um número de circo... Isto tudo demora um minuto no máximo a acontecer do início ao fim mas é daqueles minutos que demoooooooooooooram a passar.

Fica o aviso, quando puderem, façam estas coisas com um camarada por perto, em especial se não tiverem ninguém por perto. Se aquilo me batesse na cabeça e aterrassse ali (de sexta feira para sábado) as pessoas só esperavam um contacto meu no domingo à noite... Aprendi a lição e evito isto ao máximo sempre que posso.

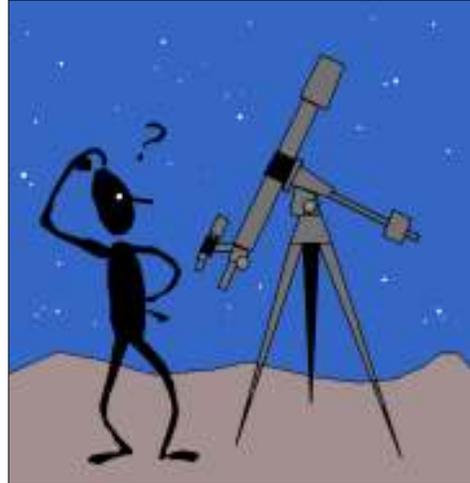
José Canela, Alentejo, jcanela@comstore.pt .

5. As temperaturas das estrelas

Um professor colocou no teste do 10.º ano um conjunto de algumas estrelas com a indicação da respectiva cor, perguntando qual das estrelas era a mais fria. O aluno, ignorando a lista de estrelas que o professor deu, respondeu:

— A estrela mais fria é a estrela *Polar*.

Jacinto Castanho, Corucho, jacinto.castanho@sapo.pt



6. Focar para observar melhor

Da primeira vez que eu tive oportunidade de observar através de um telescópio, toda a minha observação decorreu numa situação que agora, só dá mesmo é para rir: Eu estava ansioso, pois era a minha *first light*. Durante toda a sessão de observação, que durou cerca de 2 horas, fomos percorrendo o céu, passando de objecto em objecto, conduzidos por um observador experiente. Eu, estava simultaneamente maravilhado (pelo que tinha podido observar) e desiludido: achei que a qualidade da imagem não era grande coisa. No final perguntaram-nos se gostámos. Eu respondi que sim, embora achasse que os objectos se observavam um pouco desfocados. E disse-o imediatamente.

Desfocados? — respondeu a pessoa que nos conduziu nas observações; mas existe aqui um botão que permite focar!

— Onde? - digo eu

— Aqui!

Observei novamente, foquei, e aí sim, o deslumbramento foi total. Nesse momento pensei: Tenho que comprar um telescópio! Tinha observado toda a noite, com uma focagem imprópria para a minha visão. Agora, sempre que alguém observa pelo meu telescópio, a primeira coisa que digo é: tem aqui um botão para focar...

Paulo Coimbra, Chaves, prcoimbra@sapo.pt.

7. Uma estrela demasiado parada, ou um seguimento demasiado bom...

Em Outubro de 2008, depois de ter pedido muitos conselhos a um astrofotógrafo digital mais experiente (o Luis Campos) e pós ter recebido a interface que ele me recomendou, para a EQ6 fazer autoguiagem, tirei uma noite de sábado para me iniciar.

Já tinha uma *Webcam* modificada e tudo parecia preparado. Com o objecto a fotografar já centrado no telescópio, virei-me para a luneta-guia e coloquei-lhe a dita *Webcam* com alguma esperança de encontrar facilmente uma estrela capaz, sem ter de utilizar primeiro a ocular reticulada. Na verdade, *ali estava* uma estrela um pouco à direita do centro, que estava muito quietinha. Pareceu-me ideal para o que eu queria!

Maravilha, pensei eu. E toca a pôr o PHD a funcionar (obviamente era também a 1ª. vez que utilizava (tentava utilizar) o programa. Tudo correu bem, o *software* começou a calibrar. Uns minutos depois, apareceu a mensagem: "Impossível calibrar, a estrela não se move o suficiente".

Ora essa, pensei eu, então isso não é o ideal? Só depois "descobri" que *aquilo* não era uma estrela, mas sim um pixel furado (*hot pixel*) que hoje em dia é de estimação, mas que já não me engana mais.

Carreira Martins, Valongo, carreiramartins@yahoo.com.br

8. Um belo baloiço

Era uma vez, em tempos idos, quando estávamos mais de 3 dezenas de observadores no local de observação (muita juventude) e, já farto de "leccionar" com o meu todo-o-terreno Dobson de 10 polegadas, pedi a duas crianças (de 9 ou 10 anos, não mais) que tomassem conta do telescópio e observassem estrelas até se fartarem....

Com autonomia própria ou não, se observaram coisa de jeito, desconheço, mas na certeza, porém, quando alguns de nós reparamos, lá estavam os 2 miúdos a divertirem-se com a astronomia..., ou seja: improvisaram um baloiço (não sei bem se é esse o nome daqueles cavalitos que se encontram nos parques de diversão...) com o Dob, um sentado sobre o espelho primário e outro sobre o secundário (junto ao focador).... Lindo de ver, Gostei. 100% verídico, há testemunhas....

Francisco Gomes, Almada, fjlgomes@yahoo.com.br

9. O novo cometa Vénus: para rir ou para chorar

(...) Uma noite, pelas 21 h, dava o meu pequeno passeio, pós jantar, na Estrada da Luz. A certa altura reparei que, sobre os terrenos do Zoo, Vénus já brilhava bem; tentei ver Marte tapando a luz dum candeeiro com a mão, mas era demasiado cedo. Chegou-se a mim um cavalheiro cujo passeio incluía o do cão, com aparência de quem tem mais que a 4.ª classe; ficou a olhar e disse:

— "Parece uma estrela mas não é".

Como o português não tem declinações nem usa a troca do verbo pelo sujeito, como o francês, só pela entoação não consegui intuir se era pergunta ou afirmação, mas respondi:

— "pois não, é Vénus".

A seguir veio o que me fez ficar de boca aberta por uns bons segundos:

— "mas, é um cometa?"

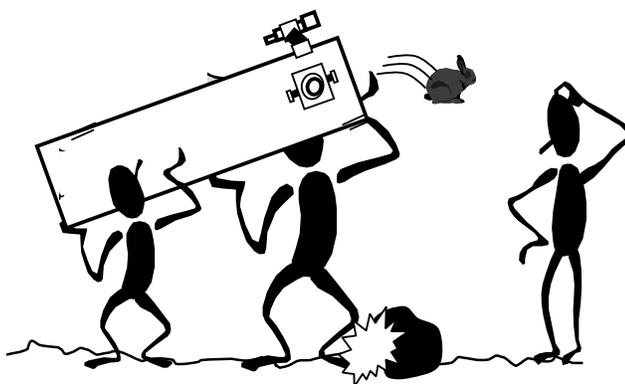
Carreira Martins, martinsze@oniduo.pt

10. Depressa e... mal

Uma noite destas, Vénus, Marte e Saturno estavam magníficos e mesmo a jeito de chamar os meus familiares. Antes do jantar deixei o telescópio destapado para equilibrar as temperaturas e logo depois do jantar fomos todos ver os planetas.

Eu estava todo contente, a saborear antecipadamente o seu contentamento por ver estes objectos. Liguei o telescópio e carreguei nos botões do comando que estava parqueado. Seleccionei em primeiro lugar Vénus e logo o telescópio moveu-se... em direcção do centro da Terra! É que num comando *goto* da *Skywatcher* quando está parqueado, o primeiro comando é aceitar a sua posição de parqueamento. Conclusão: envergonhado, tive que procurar Saturno à mão, com a ajuda do buscador e lá consegui pelo menos que, assim como a Lua; desconfigurei o mapeamento do céu já efectuado e perdi uma quantidade de pontos na adesão dos familiares!

José Moura, jdcardosomoura@gmail.com



11. Geocentrismo forçado: "Eu é que sei!"

Uma aventura de astrónomos contada por um amigo meu, passada há muitos anos. Esse amigo e um seu companheiro de trabalho foram observar o céu num fim-de-semana.

Como Sol quase no horizonte poente, já com o telescópio montado, estavam a dar-lhe os últimos retoques quando surgiu um rebanho de ovelhas a caminho do redil e o respectivo pastor com um belo bordão. O homem aproximou-se muito curioso e perguntou-lhes timidamente que experiência é que estavam a fazer. Os dois amigos explicaram e o pastor ficou muito interessado, escutando tudo. O rebanho seguia o caminho que bem conhecia.

A dada altura, o pastor ficou furioso ao ser informado de que o Sol estava parado e era a Terra que rodava. À medida que lhe tentavam explicar, o melhor possível, essa conhecida ilusão, o homem encolerizava-se cada vez mais; até que brandiu o cajado à frente dos narizes dos dois já amedrontados astrónomos pois o pastor era hercúleo.

"Eu posso ser estúpido mas não sou parvo! Eu bem vejo o Sol nascer ali atravessar o céu e pôr-se além e vocês estão a dizer-me o contrário? Apanham uma bordoadada no lombo e ficam logo a saber quem é que anda!"

Contra argumentos tão poderosos há que abjurar. Penso que a aventura foi verdadeira e que não fui ludibriado

Secundino Mendão, mendao.2@sapo.pt